

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2011 - ANO XIV - Nº 173

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Ao comemorarmos mais um aniversário de Piquete, nossos olhos se voltam para seus moradores, coluna mestra a sustentar o município. Fazedores e guardiões de nossa cultura, são eles os responsáveis para legar às gerações futuras essa herança criada por eles e por nossos antepassados.

Nos tempos atuais, quando cada vez mais se fala em cidadania, deveríamos dar mais atenção à cultura como forma de libertação, de desenvolvimento e de progresso social. Povo sem cultura será sempre um povo amordaçado, sem voz, sem vez, que não se reconhece como cidadão para reivindicar seus direitos civis e políticos. Será sempre um povo sem ideia própria, fadado a viver como “maria-vai-com-as-outras”, “pau-pra-toda-obra”, “mão-de-obra-barata”, dependente da venda de votos para poder ganhar minguas e cestas básicas.

Cultura não se reduz, como muitos pensam, a entretenimento ou passatempo. É um veículo de transformação e renovação da sociedade. É preciso encará-la como educação. É educar o povo. É fomentar políticas que promovam o debate, a pesquisa, a inclusão social e a conscientização sobre o dever de se preservar o ambiente urbano. É, ainda, esclarecer que cada cidadão tem o direito de exigir das autoridades compromisso com as promessas de campanha e retidão no uso dos recursos públicos.

Cultura é reciprocidade de interesses e ideais. É a luz que ilumina o caminho e abre as portas da compreensão mútua e da percepção. É exclusividade do ser humano, porque é ele quem produz cultura para a legar às gerações futuras. É memória. É história. É arma contra a violência, a corrupção, as drogas e a criminalidade. Cultura é civilização, progresso e desenvolvimento.

Neste aniversário, somamo-nos a todos os piquetenses que, como nós, vislumbram um futuro promissor para o município, com aprimoramento cultural e social e, conseqüentemente, cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.



A preocupação com o meio ambiente não é de agora. São Francisco de Assis e outros homens santos já veneravam o ar, a água, a terra e o fogo, todos considerados partes integrantes do cosmos, e sem os quais não teríamos condições de vida.

No Dia Mundial do Meio Ambiente...

No último dia 5 de Junho comemorou-se o Dia Mundial do Meio Ambiente, data extremamente importante para a conservação da natureza. A preocupação com o meio ambiente vem se acentuando nos dias atuais, em função das atividades humanas, as quais têm ocasionado seríssimos problemas de degradação ambiental, a ponto de comprometer, caso não sejam tomadas medidas emergenciais, os recursos naturais, as condições de vida e, conseqüentemente, toda a vida futura no planeta.

O amor à natureza e o desejo de que ela seja preservada ou utilizada racionalmente pelo homem já podem ser verificados nos primeiros livros sagrados. Praticamente, todos eles mencionam a vida das plantas, dos animais silvestres e do homem como elementos integrantes do meio ambiente. Entre outros, podem ser mencionados os Vedas, a Bíblia e o Corão. Diversos são os textos escritos, alguns deles há quase dois mil e quinhentos anos, na Índia, cujos relatos mencionam acentuada preocupação com a conservação da natureza, e vários são os líderes espirituais, entre eles, Siddhartha Gautama, o Buda, que demonstraram essa preocupação. Curioso é que São Francisco de Assis, tanto tempo depois, abraçaria os

mesmos princípios, certamente sem conhecimento das crenças e filosofias pregadas pelos homens daquelas longínquas paragens. Além dos princípios religiosos, os homens santos veneravam o ar, a água, a terra e o fogo, todos considerados partes integrantes do cosmos, e sem os quais não teríamos condições de vida. Procuravam demonstrar a interrelação de todos os seres vivos e dos elementos abióticos que os cercam. Isso identifica a disciplina que hoje estudamos nas universidades com o nome de Ecologia.

O amor de Francisco de Assis demonstra abrangência universal. Poucos terão se irmanado tanto com o universo como ele, ao contemplar em seus retiros, para meditação, os elementos naturais que chamava de “irmãos” – o sol, o ar, a água, as estrelas, as plantas e os animais. No seu extraordinário “Cântico das Criaturas”, louva a grandeza do Criador e todas as criaturas.

Ao comemorarmos o Dia Mundial do Meio Ambiente, cabe-nos uma reflexão sobre esses pensadores. É preciso que introjectemos seus valores e coloquemos em prática ações positivas voltadas para o meio ambiente.

Imagem - Memória



A fotografia como construção da memória

É cada vez maior a importância da fotografia para construção e conhecimento de nossa história. Por meio delas podemos acompanhar o progresso da cidade ao longo dos anos, bem como os principais fatos e acontecimentos vividos pela comunidade.

São poucas as imagens de Piquete dos seus primeiros anos de emancipação política que chegaram até nossos dias. Apesar de raras, essas imagens são reveladoras. Vale a pena observá-las. As fotografias de décadas passadas, em sua maioria, foram tomadas de forma espontânea, sem pretensão documental. Apesar de aparentemente mudas, essas imagens comunicam, expressam e significam. Constituem-se como grande força para a memória dos piquetenses. Fotógrafos anônimos, independentemente do objetivo histórico, registraram momentos e modificações ocorridos na cidade. Sem eles, parte da história de Piquete estaria perdida. Sem o saber, à medida que registravam a cidade e seu cotidiano, estavam contribuindo para o futuro. O registro fotográfico é parte da construção da memória e da identidade de um povo.

Observar uma fotografia antiga é refletir sobre a longa trajetória por ela percorrida. Há, em todas elas, uma espécie de inter-

rupção do tempo e, portanto, da vida. Tudo, a partir do instante em que foi capturado pelas lentes, permanecerá para sempre. A cena fotografada, sem antes nem depois, tem o poder de eternizar o acontecimento, sem poupar quem a vê de um sentimento de ausência entre a distância e a proximidade, entre o reconhecimento e a lembrança do fato ou pessoa fotografada. É alvo de análises de muitos estudiosos da imagem fotográfica. Praticamente, desde a sua descoberta, a misteriosa relação da foto com o passado foi motivo de discussões intimistas, fenomenológicas, semióticas ou históricas.

Toda fotografia tem um reconhecido valor documental e é importante para estudos específicos nas áreas de arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e diversos outros ramos do saber, pois representa um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Com o surgimento da fotografia ampliaram-se as possibilidades de o homem capturar o tempo e ampliar a sensação de o controlar, congelando o instante para a eternidade. Ademais, a imagem fotográfica nos proporciona o desencadeamento de lem-

branças, fazendo-nos retroceder mentalmente ao instante presentificado na imagem.

Já diz o velho provérbio que uma imagem vale mais do que mil palavras. Isso pode ser constatado mensalmente no “O Estafeta”, que aguça a curiosidade de seus leitores com fotografias de seu acervo impressas na coluna “Imagem – Memória”. Este informativo da Fundação Christiano Rosa tem buscado aumentar sua coleção com aquisição de novas fotografias, e também procurado identificar as que compõem seu precioso arquivo. São imagens de Piquete que se tornaram fonte para trabalhos e pesquisas tanto de estudiosos quanto do público em geral, como historiadores, alunos do Ensino Médio e de Graduação.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

José Armando

Muito jovem, o ex-prefeito de Piquete, José Armando de Castro Ferreira, ingressou na vida política, filiando-se ao PSP. Estava sempre acompanhando seu tio, José de Castro Ferreira, vice-prefeito de Joraci Faury, nas reuniões partidárias e nas sessões da Câmara Municipal. Passou a noticiar, então, suas observações dos bastidores da política numa coluna, por ele assinada, no jornal O Regente, no final da década de 50. Conta que gostava de assistir aos grandes comícios na Praça da Bandeira, onde se maravilhava com a eloquência de oradores como Adhemar de Barros, Plínio Salgado, Ivete Vargas, Carvalho Pinto...

Vivenciando aquela atmosfera, percebeu que a política era um excelente instrumento para melhorar a vida das pessoas e proporcionar igualdade de oportunidades a todos. Assim, em 1958, apoiando a candidatura de Luiz Vieira Soares para prefeito, e Christiano Alves da Rosa, para vice, concorreu a uma vaga no Legislativo Municipal. As eleições aconteceram no dia 4 de outubro de 1959. José Armando foi o vereador mais votado e também a chapa majoritária por ele apoiada. Iniciava, aí, sua vida pública. Nesse mandato, foi Presidente da Câmara.

Nascido em Piquete em 13 de dezembro de 1935, iniciou seus estudos no Grupo Escolar Antônio João. cursou, a seguir, o Ginásio da FPV e a Escola Normal Livre Duque de Caxias. Em 1962 bacharelou-se pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letra de Lorena. Tributa sua formação acadêmica a professores como Maria Campos, que o alfabetizou, Celenice Guimarães, Leonor Guimarães e Maria de Lourdes Gama, no grupo Antônio João; José Geraldo Evangelista, Lutgardes de Oliveira, Augusto Ribeiro, Néli Quadrado e Selma Vital Brasil, no ginásio; Ricarda Godoy Lopes, Leopoldo Marcondes de Moura Netto, na Escola Normal; e os padres Leôncio, Lages e Ferreira, na Faculdade Salesiana.



De 1963 a 1970, José Armando lecionou História Geral e do Brasil, além de Ciências Sociais, no Colégio Estadual de Piquete, àquela época com quase dois mil alunos divididos em três turnos. Em 1970 transferiu-se para São José dos Campos, para trabalhar como Supervisor de Ensino, na Delegacia Regional de Ensino. Em 1976, retornou a Piquete e elegeu-se Prefeito, pelo então MDB. Assumiu em janeiro de 1977 e teve seu mandato prorrogado até 1983. Mesmo administrando com orçamento restrito, buscou realizar obras que atendessem às necessidades do município. Investiu em educação e incentivou a cultura: criou a Festa do Tropeiro, a Feira da Solidariedade e a Semana do Folclore. Após o término de seu mandato, retornou a São José dos Campos e foi Diretor Regional de Ensino. Em 1988, a convite do governador Franco Montoro, trabalhou na Secretaria de Indústria e Comércio. Transferiu-se, depois, para a Secretaria do Trabalho, lotado no Palácio do Governo, posição em que se aposentou, em 8 de março de 1991.

Filiado ao PSDB, José Armando elegeu-se, em 1995, para o quarto mandato como vereador, em Piquete. Sempre nutriu paixão pela política. Afirma que em Piquete teve como influências políticas Luiz Vieira, Benfica, Faury, Zizinho, Geraldinho e Amerquinho. “Dava gosto ouvir Ulisses Guimarães, Mário Covas, Franco Montoro e Hugo Borghi – este último o melhor de todos”. Constata que a forma de fazer política está muito mudada. “Falta idealismo. É preciso melhorar a qualidade dos postulantes a cargos públicos”, diz. “Lamentavelmente, Piquete regrediu nos quesitos saúde, educação e vida social. Já não temos os cursos do Departamento Educacional da Fábrica, Assistência Hospitalar... É verdade que a Fábrica nos proporcionava tudo até 1980, mas a cidade precisava aprender a caminhar... Isso ainda não aconteceu...”, conclui.

Filho de Armando de Castro Ferreira e Maria Aparecida Leite, José Armando é o caçula de três filhos. Casado com Ângela Rosa Giffoni de Castro Ferreira, tem três filhas e quatro netos.

Eu amo Piquete!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O Estafeta deste junho traz um artigo em que relembra o centenário de nossa cidade. Não estive em Piquete naquela oportunidade. Por tudo que já li e ouvi, sei que perdi um grande momento. Participei, porém, do Centenário da FPV. Colaborei, inclusive, com algumas das atividades, assim como nas do centenário da Usina Rodrigues Alves e da Represa Marechal Argollo. Registrei todos os eventos com milhares (literalmente) de imagens – algumas não tão boas, mas válidas... À época, escrevi sobre os fatos, registrando que me sentia parte da história.

Em 15 de junho, Piquete comemorou 120 anos. Também não presenciei os eventos, que muitos garantiram ter sido um sucesso. Novamente, a sensação é de perda...

Por motivos profissionais, não moro em Piquete. Conheci, porém, nos últimos anos, a história de minha cidade natal, e isso fez com que aprendesse a amá-la. Percebi que, assim como num relacionamento, os laços se tornam mais fortes à medida que se aprofundam os conhecimentos recíprocos. Piquete é meu porto seguro. Nos momentos difíceis, é aqui que gosto de estar. É aqui que gosto de ler, relaxar, sonhar...

É por motivos assim que mantenho residência aqui, pela qual já recebi propostas de compra ou aluguel, devidamente recusadas. Uma reforma em minha casa mudou significativamente sua estrutura interna. Não mudou, porém, sua essência, que está tombada em minha memória, pois representa o local em que passei a infância, convivi com meus pais, irmãos e amigos. É de suas bases que brotaram os valores que cultivo. A cidade de Piquete também contribuiu para essa memória. No entanto, a essência de Piquete não me parece estar sendo mantida. Em nome do progresso (???), prédios e praças estão sendo descaracterizados, nomes apagados... Não entendo essa necessidade de mudanças sem a manutenção da estrutura. Pensem na Europa... O que seria do turismo em cidades como Londres, Paris, Praga, Madri se seus prédios fossem descaracterizados? Lá, as exigências da atualidade é que se adaptaram ao antigo, à história... O que vemos por aqui é o contrário... E Piquete vislumbra o turismo...

Desejo a Piquete, neste aniversário, a retomada de valores. Que os piquetenses procurem em sua história – a de Piquete e a pessoal – motivos para se orgulhar. Valorizem seus pais, o local em que “o umbigo está enterrado”... Dessa forma, tornar-se-ão cidadãos melhores, mais críticos, profissionais competentes, ativos na sociedade moderna, mais conscientes de que foi necessária uma longa trajetória para que o progresso se instalasse. E essa trajetória não deve – e não pode – ser relegada ao esquecimento.



Uma revolta centenária - A Revolta da Chibata e seu herói

A organização social do povo brasileiro baseia-se nas hierarquias, e, nesse particular, a da região do Vale do Paraíba é mais representativa, seja das etnias, seja do poder constituído nas administrações públicas, ou eclesiásticas ou militares. Quem está no poder sempre tem razão; esta a máxima que ordena o arranjo. E aí a coloração da pele não se sobressai à estatura do poder, embora seja focalizada no território da crítica. Permite carregar no foco negativo – recebe atribuições carregadas de estereótipos e preconceitos.

Da escravidão, o costume do castigo aplicado nos corpos prevaleceu por muito tempo após a libertação pela Lei de 13 de maio de 1888 – a Áurea.

Assim é que se projetou um anti-herói marinho e ex-escravo que participou da chamada Revolta da Chibata, em 1910, cem anos passados – João Cândido Felisberto. Essa revolta foi um dos movimentos insurgentes da República Velha (1889-1930) – a que se propôs pela igualdade, mas acabou mantendo a exclusão social dos tempos monárquicos.

Como chefe dos revoltosos, João Cândido foi chamado Almirante Negro, alcunha que se lhe aderiu para o resto da vida, mesmo depois de cumprida a pena que lhe fora imposta, e se tornou um anônimo carregador nas docas da Praça XV, do Rio de Janeiro.

Foi desse personagem que João Bosco e Aldir Blanc fizeram a canção “O Mestre-Sala dos Mares”.

Pois bem! Quem era esse marinho tornado líder da Revolta da Chibata, de grande repercussão nacional no período do evento e depois “esquecida” (apagada) pela História oficial?

João Cândido Felisberto era originário

de uma família pobre de trabalho rural encontrada próxima à fronteira entre o Brasil e a Argentina. Seus biógrafos fazem assinalar que era negro, e o pai, tropeiro, o levava ao trabalho com o gado. Consta que com 14 anos ingressou na Marinha, lugar dado para encosto dos despossuídos, uma espécie de “escória” social à busca de uma impositiva disciplina rígida. Costumava-se açoitar os indisciplinados e os que não cumpriam devidamente os deveres. Tive a oportunidade de conhecer um Almirante famoso, de alta linhagem familiar que, aposentado, dava palestras e entrevistas e que, questionado sobre o uso da chibata como “corretivo disciplinar”, não a negava e, até certo ponto a justificava, sob a alegação dos usos e costumes da época, práticas institucionalizadas e não discutidas pelas altas cúpulas.

Mas o biografado aos 20 anos já é instrutor de novos aprendizes, viaja pela área costeira do país e tem a oportunidade de estar presente à montagem e entrega do “Minas Gerais”, navio bem equipado e moderno, encomendado por nossa Marinha à Inglaterra.

João Cândido teve uma vida sofrida: uma tuberculose renitente o acompanhou desde a estada no Amazonas. Trabalhar na Marinha, na época, além de uma atividade sofrida, de tarefas pesadas e doenças, implicava também o recrutamento forçado e coercitivo em que a chibata era instrumento de tortura.

E foi ela que ensinou a causa da revolta de 1910 liderada por João Cândido e terrivelmente sufocada. Propunha-se o lema “Abaixo a chibata!”. Resultado: algumas mortes e prisões. Em todo o caso, um episódio dramático, para, “convenientemente”, ser esquecido. O líder foi domi-

nado e preso na Ilha das Cobras, de onde escapou com vida – mas enclausurado no Hospital dos Alienados. Libertado em 1912, voltou à Marinha e depois ao comércio de peixes na Praça XV, mas sempre orgulhoso por ter participado do levante de 1910.

No casamento de duas núpcias foi infeliz, além do que a segunda esposa e filha se suicidaram de maneira trágica.

Depoimentos de João Cândido estão arquivados no Museu da Imagem e do Som. Recentemente várias publicações têm-se ocupado da biografia do Almirante Negro e da Revolta de que participou, na liderança do movimento. Um câncor fatídico o levou. Por ter sido dado por esquecido em sua vida modesta, o herói revolucionário é visto por romancistas e jornalistas como um mito a ser melhor desvendado através de várias narrativas recentemente levantadas. Principalmente motivadas pela anistia póstuma ao marinho concedida por Lula em 2008, por proposta da senadora Marina Silva, em 2002.

Uma entonação mais vibrante de Elis Regina para a canção “O Mestre-Sala dos Mares”, composta na década de 1970, consagrava uma letra censurada e driblada, cujo refrão rebate na memória viva: “Salve o navegante negro, que tem por monumento as pedras pisadas do cais. Mas. Faz tanto tempo”...

Nota: este comentário baseou-se no artigo de Lilia Moritz Schwarcz in *Sabático (O Estado de São Paulo, 18-12-10)* para o lançamento de duas novas biografias do Almirante Negro na comemoração do centenário do evento em 2010.

Dóli de Castro Ferreira

Ano Jubilar: 75 anos da Diocese de Lorena

Em 31 de julho do ano de 1937, o Santo Padre Pio XI desmembrou parte da Diocese de Taubaté para formar uma nova, com sede em Lorena, coroando uma longa caminhada de fé do Povo de Deus iniciada no século XVII.

Anos antes da decisão de Pio XI, José Vicente de Azevedo havia encaminhado um abaixo-assinado à Cúria de Taubaté sugerindo ao primeiro Bispo daquela Diocese, Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, que desse início aos trabalhos para a criação da Diocese de Lorena. Após várias tentativas, José Vicente pareceu desistir de seu objetivo, visto que Dom Epaminondas, por prudência, dava sinais de não estar convencido da necessidade de uma nova diocese no Vale do Rio Paraíba, ao menos naquele momento.

Em 1935, José Vicente de Azevedo, em reconhecimento às suas várias benfeitorias, recebeu do Papa Pio XI o título de Conde Romano. Um ano depois, faleceu Dom Epaminondas. Assumiu a Diocese de

Taubaté Dom André Arcoverde Albuquerque Cavalcânti, Bispo de Valença, em 24 de outubro do mesmo ano. Com a chegada do segundo Bispo de Taubaté, o Conde José Vicente de Azevedo tomou novo ânimo e começou seu trabalho em prol da criação da Diocese de Lorena. Dom André simpatizou com a ideia e empenhou-se em realizá-la, até que Pio XI, através da bula “*Ad Christianae Plebis Regimen*” desmembrou as paróquias de Lorena, Areias, Bananal, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Cunha, Campos de Cunha, Embaú, Pinheiros, Piquete, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras da Diocese de Taubaté, criando a sede episcopal de Lorena.

No ano de 2012 nossa Igreja Particular celebrará 75 anos de existência. Durante todo esse tempo muitos homens e mulheres de fé viveram e morreram como cristãos, transmitindo suas tradições religiosas às suas comunidades. Nossa terra tem-se mostrado generosa às sementes do evangelho nela lançadas. Muitos bons frutos têm

sido produzidos. Sobram motivos para nos alegrarmos pela nossa história.

No dia 31 de julho deste ano de 2011, na Catedral de Nossa Senhora da Piedade, em Lorena, o Bispo Diocesano Dom Benedito Beni dos Santos presidirá a solene celebração eucarística em que se dará a abertura do ano Jubilar de nossa Diocese.

Aplicando as orientações da Penitenciaría Apostólica de Roma, Dom Benedito Beni decretará a Catedral de Lorena como Local Jubilar, podendo os fiéis que a visitarem e cumprirem as condições exigidas obter indulgência plenária. Após celebrações especiais em todas as comunidades da Diocese, o Ano Jubilar será encerrado com a tradicional Novena e a solene Festa de Nossa Senhora da Piedade, Padroeira de Lorena.

Esperamos que as comemorações dos 75 anos de nossa Diocese sejam proveitosas à fé de nossa gente e ao crescimento dos sentimentos de fraternidade entre os cristãos de nossa Igreja Particular.

Pe. Fabrício Beckmann



O Terço dos Negros

O período de 13 a 30 de junho é o das festas joaninas ou juninas. Uma época de festas gerais, comemorações populares que acontecem em clubes, ruas, praças, salões e residências... Há o mastro do santo, isto é, com a bandeira do santo festejado – se é um apenas ou os três santos do ciclo: Santo Antônio, São João e São Pedro. Há comidas típicas: pipoca, batata assada, quentão... Há sortes e superstição... Há danças, sobressaindo-se a quadrilha, quando, às vezes seus participantes fazem, também, o “casamento caipira”... Há fogueira e fogos de artifício...

Uma festa dos três santos de junho comporta desde a quadrilha, que pertence

tipicamente ao ciclo, até o moçambique, a congada, a catira, o batuque e outros. No Vale do Paraíba, é comum vermos o moçambique e a congada e, em alguns poucos lugares, como Piquete, o Jongo.

Este ano, no dia 11 de junho, aconteceu, na Vila Eleotério, na casa do Mestre Gil, o já tradicional “Terço dos Negros”. O evento mobilizou a comunidade jogueira. A casa e o terreiro estavam enfeitados com bandeirinhas coloridas. Na sala, foi montado um altar para Santo Antônio, e uma bandeira com a imagem do santo, toda decorada com fitas, estava afixada à parede. Para a reza do terço, que é cantada, vieram pessoas de Piquete e grupos do Rio de Janeiro, Embu,

em São Paulo, e outras cidades da região. Após o terço, aconteceu a “beijamento do santo”, acompanhado por cantos específicos. Logo em seguida, apresentação da Folia de Reis.

Ao final das rezas, uma grande fogueira foi acesa no quintal e começaram os folguedos. Para aquecer ainda mais, foi servida deliciosa canjiquinha com costela de porco e quentão. Enquanto isso, tambu e candongueiro eram afinados no calor da fogueira, a fim de se garantir melhor som. Formou-se, então, uma grande roda de Jongo, conduzida por Mestre Gil, que continuou madrugada adentro.

Pentecostes

Deus criou o todo; o homem, a cisão.
Deus criou o júbilo; o homem, a desconfiança.
Deus criou a ciência; o homem, o pré-conceito.
Deus criou o valor; o homem, a moeda.
Deus criou o consenso; o homem, o conluio.
Deus criou a fé; o homem, a negligência.
Deus criou a bênção; o homem, a pré-potência.

A cultura judaico-cristã apresenta três monumentos reveladores da intervenção de Deus no plano da salvação do homem.

O primeiro monumento é uma Arca ancorada no alto de um monte; o segundo, uma Torre que pretendia chegar ao Céu; o terceiro, um Cenáculo encimado por uma fonte de luz que expedia raios sobre pessoas reunidas para tomar uma refeição.

Com a Arca, Deus decidiu salvar a família de um homem de bem; e casais de animais puros e impuros na proporção de sete para um.

Com o episódio da Torre, o Senhor demonstrou perceber que os homens se juntavam de preferência para produzir o mal. E resolveu dispersá-los confundindo-lhes as línguas.

Com o Cenáculo, Deus nos revela que considerava os homens seres tão fragi-

lizados que, mesmo tendo presenciado a Torre da Cruz, só conseguiriam perseverar no bem se injetasse neles dons especiais.

Os homens da Arca eram filhos do bem. Viram o poder de Deus. Mas, logo que puseram o pé no solo seco, se esqueceram de que estavam vivos por especial deferência de Deus. E se inclinaram novamente para a maldade que os conduziu à Torre.

No episódio da Arca, Deus encontrara um justo: Noé. Como os descendentes de Noé não se firmaram no bem, Deus não fez uma nova escolha. Confundiu a todos fazendo com que não se entendessem mais. Possibilitou uma maldade enfraquecida pelo fracionamento, que se desenvolveu em vários pontos da Terra.

Então resolveu edificar uma Torre vinda do Céu. A Torre divina tinha forma de cruz. E, nela, deixou que pendurassem seu filho Jesus, o Cristo.

Morto e sepultado, o Cristo trouxe mais confusão que certeza. Então o Senhor o ressuscitou.

Feita a avaliação, Deus percebeu que a Torre do Céu ainda não bastava para conseguir convencer os homens.

Sentiu que o exemplo que vinha de fora não era suficiente para arrastar os homens para o bem. Seria necessário que recebesse no seu interior um auxílio vindo do Céu.

Cenáculo é um lugar prosaico. É o lugar onde amigos e familiares se reúnem para comer, para tomar a ceia.

Estava a mãe de Jesus em companhia das santas mulheres, que a haviam acompanhado nas vicissitudes por que passara o Cristo. Estavam, também, os doze discípulos, Matias no lugar do Iscariotes.

Todos, com certeza, lamentavam a ausência de Jesus, que já havia voltado ao Pai.

De repente, o estrondo. Fachos de luz atingem os comensais. Uma fonte inusitada, semelhante a uma pomba, despede os raios.

Agora, sim! O monumento atinge o Céu. Em vez de confundir línguas, Deus destrava a língua dos apóstolos, que se fazem entender por todos os peregrinos que se aglomeravam em Jerusalém, vindos de todas as partes da Terra.

Inverte-se a fórmula de Babel. O que era confusão vira entendimento. Não há mais força humana capaz de conduzir os amigos de Jesus para longe de Deus.

Pentecostes, o monumento do Cenáculo, é a verdadeira escola da salvação. Ninguém chega a Deus sem as luzes vindas do Espírito Santo.

Abigayl Lea da Silva

Crônicas Pitorescas

Falta de conjugação...

Palmyro Masiero

Procurou-me para desabafar. Reclamou, lamentou, buscando em mim o milagre que resolvesse seu problema. Por sinal, este é o mesmo de muitos e imperioso o surgimento de uma providência que melhore o estado de milhares (ou milhões?) de consortes (que aqui no contexto seria melhor chamar de ‘sensorte’). A questão é séria e a solução difícil, ou a doença é grave e a cura por ser descoberta.

Já imaginaram, eis o áporo, viver com uma mulher que sofre de “bolsamania” ou “carteiromania”? uma cara-metade que todas as noites, sorratamente, passa em revista bolsos e carteiras do marido aparentando buscar dinheiro?

Colocando dessa forma, tem-se a impressão de que solucioná-lo é meramente questão de personalidade do marido. Não... Não é tão fácil assim achar a conclusão e nem está inteiramente válida.

Uns mais afoitos poderão equacioná-lo propondo deixar dinheiro à vontade, para que a parceira não sinta necessidade de usar tais artimanhas. Mas comprovadamente isto não funciona, pois o marido, quando descobre a vasculhação de seus pertences é por um pequeno deslize da mulher, consequência de sua segurança no ato há muito praticado, o que nos induz a concluir que o hábito de perquirir os segredos maritais vem de longe... Pode sobrar dinheiro que, infalivelmente, elas irão aos bolsos e carteiras...

Um psicólogo de botequim, desses que sabem de tudo, explica que dinheiro não é fundamentalmente a causa. Segundo suas “pesquisas” – e é bem provável que com um pouco mais de corda ele até disse ter tudo estatisticado... –, a segurança e o ciúme são que levam as madames a mexer e remexer nos recônditos da indumentária masculina. Dinheiro é apenas uma desculpa psicológica para o ato. Bem, é uma tese... Ainda segundo o teórico, reclamar, xingar, chamar às falas, soltar uns sopapos são soluções latinas que só fazem aumentar as divergências entre os cônjuges.

Cá com meu silêncio e ignorância no assunto, fico conjecturando se, para colaborar com os maridos que estão nessa onda, os ditadores de moda para homem criassem roupas sem bolsos. Seria amplamente adotada a moda feminina de bolsa a tiracolo, só que com fechadura ou cadeado no fecho. É óbvio que teria que haver uma campanha

conscientizadora para que os marmanjos adotassem tais adornos. Mas vem uma dúvida sobre a validade de minha ideiação: a chave da bolsa sistematicamente escondida não provocaria reações ciumentícias maiores que as normais? Será que, levadas ao extremo, poderiam provocar até uma explosãozinha no fecho para descobrir os segredos do seu interior? Efetivamente não é uma solução muito convincente, reconheço...

Todo mundo nu não é plausível... Inverno que judia, vento cortante, sol abrasador... E onde levar o dinheiro, os cigarros, as muitas carteiras comprovantes de que a pessoa vive e é ela mesma? Sugestão eliminada sem qualquer consulta aos moralistas.

O mundo todo comerciando sem dinheiro... Se o mal falado vil metal inexistisse, os maridos estariam mais seguros nas dormidas, sem ter seus pertences devassados por mãos alheias, já que, de acordo com o psicólogo citado, não mais haveria a justificativa para a busca. Mas o difícil é imaginar um mundo sem moeda, pois estamos inseridos numa engrenagem em que ela é a força motriz. Ainda a considerar a vasta mudança que teria que se operar na estrutura universal para a adoção desse sistema. Que faria o pessoal do FMI?

Para aqueles que acalentam sádicos pensamentos, um lembrete: rateira no bolso só em revistas de piadas. Calculem se, no dia em que o pretense “homem da casa” resolve colocar uma armadilha, a mulher estiver cansada em excesso, dormir a noite toda, não fuçar o bolso do marido, e ele, na hora de sair para o serviço, meter a mão na cumbuca...

O jeito é acabar a crônica e as buscas de solução para o caso... Prometi ao desabafante inicial estudar o problema. Fi-lo e não encontrei saída... Talvez o mais acertado é psiquiatria para a mulher. Como esses tratamentos são prolongados, não sei se compensaria... Enfim, para os mais desesperados é uma possibilidade...

Ainda que tardiamente, pois houve um detalhe na choradeira do amigo, que não toquei, vou enviar um conselho a ele, que poderá servir para outros: quando a outra escrever, não deixe a carta no bolso. Dinheiro, sempre se dá um jeito, mas confiança perdida...

Jogo duro...

Edival da Silva Castro

Sendo o futebol um dos esportes mais divulgados do mundo, os bichos da selva amazônica e da floresta atlântica se reuniram e decidiram disputar uma partida-protesto contra a seleção dos homens.

Escalação do time dos bichos: mico-leão dourado, goleiro; onça pintada, bugio e arara, zagueiros; uirapuru, jacaré e jaguatirica, meio-campo; pacu, preguiça, tucunaré e sucuri, atacantes. Técnico: o professor boto, conhecedor profundo das qualidades de cada jogador, que lutara pela vitória ecológica, sabendo ser quase impossível esta proeza.

A seleção dos homens é segredo, mas sabe-se, de antemão, que seus jogadores serão escalados entre os institutos IBGE, INCRA, IBAMA, FUNAI, além de algumas ONGs. A ONU, como organização internacional, terá de contestar sua forte abrangência. Seus membros gozam da hospedagem do Hotel Juma Lodge, com o amanhecer dos pássaros e a brisa suave da selva.

Com o desmatamento amazônico e a desfiguração das florestas tropicais, o embate ficou marcado para o dia 5 de junho – Dia Mundial do Meio Ambiente –, no Bezerrão, em Brasília.

O árbitro Motosserra e os bandeirinhas Machado e Marcenaria foram apontados para mediar o grande prélio, sob severa observação.

Espera-se que a torcida organizada dos bichos venha de todos os ecossistemas que há na Terra, visto a importância do jogo. Por ser interessante aos homens, a torcida deles comparecerá em massa. Garimpeiros, lenhadores e, com certeza, os devastadores estarão presentes. Com as mãos levantadas e voz única, vão gritar vitoriosos: Lá vem madeira! Abaixo os bichos!... Explodirão foguetes, balões serão soltos e a queimada será certa.

Os índios ficarão neutros, acompanharão das suas aldeias a guerra do sistema. Somente a demarcação lhes interessa.

A Amazônia e a floresta atlântica, neste 5 de junho, vão ficar vazias, entristecidas sem a beleza dos animais, as flores deixarão de exalar seus perfumes provocantes e a vitória-régia vai estar abandonada, de bordas caídas. O jogo vai ser duro. Difícilmente os bichos vencerão. Eles nem sabem chutar bola...

O que está em jogo não é uma causa regional, mas, sim, a vida humana.



Dogmar Brasilino, cronista da imagem

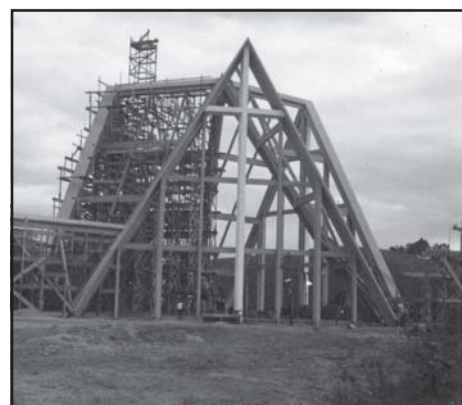
Ao ensejo dos 120 anos de Piquete, numa retrospectiva histórica, podemos observar, por meio da fotografia, o crescimento, o desenvolvimento e, também, os revezes sofridos pela cidade ao longo dos anos. O grande avanço desenvolvimentista do município, que proporcionou mudanças na fisionomia da cidade com a construção de edificações e praças de valor arquitetônico, foi dado pela FPV a partir da década de 40 do século 20. Dentro de uma política social voltada para o operariado, hospitais, clubes recreativos, vilas operárias, praças, escolas e parque zoológico foram construídos. A expansão da Fábrica naquela época atraiu muitos trabalhadores e autoridades do país, tanto militares como civis, que vieram conhecer o milagre acontecido em Piquete. Foi nesse período que um jovem com menos de vinte anos apaixonou-se pela fotografia e passou a documentar esses momentos.

Ainda hoje, trabalhando em seu estúdio, na Avenida Luiz Arantes Júnior, Dogmar Meireles Brasilino vem, há quase sete décadas, de maneira ininterrupta, fotografando eventos, personalidades e moradores de Piquete. O início desse seu ofício, em 1944, foi como uma brincadeira. Fotografar, porém, tornou-se, sem que ele mesmo percebesse, sua profissão. Dogmar Brasilino é um cronista da imagem. Nenhum acontecimento importante de Piquete nesses anos todos escapou do “click” de sua máquina. Ao analisarmos as imagens por ele captadas em diferentes épocas, é possível perceber a relação viva entre o passado e o presente. As fotografias dialogam, constituem e nomeiam seus espaços sociais e culturais. À medida que registrava em imagens nossos cotidiano, suas fotos passaram a servir como suporte para o conhecimento coletivo dos indivíduos e se tornaram peças fundamentais para análise de nossa cidade. Graças a Dogmar Brasilino,

temos inúmeras vistas da cidade a partir da década de 40: a visita do presidente Dutra e as inaugurações do Hospital da FPV e da Associação Comercial, em 1948; o pouso de um avião em Piquete, pilotado por Agenor Ferreira, em 1950; o descarrilamento de um trem, no ramal Lorena - Piquete, em 1958; a inauguração do campo da Associação Atlética Piquetense e as comemorações do Cinquentenário da FPV, em 1959; o lançamento da Pedra Fundamental da Matriz de São Miguel, em 1960, e sua construção; a Lira da Juventude Piquetense, em 1970; desfiles cívicos, inaugurações, procissões, comícios, atividades esportivas... Enfim, nada escapou das lentes e do olhar de Dogmar Brasilino – fotografou a vida e a morte. Não há família em Piquete que, em seus álbuns de fotografias, não tenha uma imagem feita por Dogmar. São poucos os que não ficaram registrados em seu estúdio, numa “3x4”. As fotos de família celebram a vida: casamentos, aniversários, a foto na Praça, na escola, na igreja, com a banda registram momentos de alegria. Mesmo as imagens dos que já partiram são alegres, sorridentes, e serão guardadas juntamente com as boas lembranças.

Detalhe essencial da vida profissional deste fotógrafo é que a maioria dos negativos de suas imagens está arquivada e organizada. E o mais incrível é que, olhando negativo por negativo, Dogmar reconhece a cena, a data e o fotografado. Com uma memória prodigiosa, tem sempre uma história para contar.

Recentemente, Dogmar doou grande parte desse arquivo para Antônio Carlos Monteiro Chaves, que mantém, há muitos anos, o acervo da Fundação Christiano Rosa. Nas comemorações dos 120 anos de emancipação político-administrativa de Piquete, O ESTAFETA publica pequena amostra dessas imagens, homenageando a cidade por meio de tão delicado trabalho.





Há vinte anos, num centenário...

Parece que foi ontem, mas vinte anos são passados desde as comemorações do centenário de emancipação político-administrativa de Piquete, ocorrido em 15 de junho de 1991. Durante aquele ano jubilar, a cidade, administrada pelo então prefeito Alaor Ferreira, havia sido toda remodelada e o ar festivo estava presente em todos os cantos. Vários eventos culturais, religiosos e esportivos aconteceram. Piquete viveu dias de grandes emoções. Os festejos do Centenário foram concorridos e contaram com a participação de toda a população. Um dos grandes momentos aconteceu no dia 8 de junho, quando mais de quinhentos piquetenses, provenientes de diferentes lugares do país, retornaram à cidade natal para o “Dia do Piquetense Ausente”. Logo pela manhã foram recepcionados pelas autoridades municipais e membros da Comissão dos festejos. Percorreram as ruas

da cidade matando as saudades de pessoas e das paisagens mantiqueiras. Visitaram a exposição instalada no antigo Cine Estrela, onde puderam apreciar uma mostra de artistas locais e também uma exposição de documentos, fotografias e objetos antigos ligados à história do município, organizada por Carlos Vieira Soares. Às 13h, no Grêmio Duque de Caxias, um almoço de confraternização e conagração. No final daquela tarde, na Praça Duque, o maestro Luiz Viana dirigiu uma apresenação da Orquestra de Sopro Anacleto de Medeiros, que veio especialmente do Rio de Janeiro para homenagear a cidade.

Na semana seguinte, no dia 15, data máxima do município, aconteceu o Desfile Cívico do Centenário. Foi uma das maiores emoções vividas pelos piquetenses, proporcionada pelos próprios piquetenses. Foi uma verdadeira aula de história, civismo e

amor à Cidade Paisagem, de que todos participaram: as escolas, com seus alunos e professores; as entidades, com seus sócios e filiados, as indústrias, com seus operários, e os funcionários públicos municipais. Pessoas de todas as faixas etárias, naquele dia festivo, se orgulhavam de ser piquetenses. Dava gosto ver a emoção estampada no rosto de todos – os que desfilavam e os que assistiam. Lado a lado, crianças e idosos com o mesmo brilho no olhar e o orgulho pela cidade centenária. Numa retrospectiva histórica, uma cronologia de fatos e personagens de nossa história desfilaram pela Praça Duque de Caxias. Fazendo parte da programação, aconteceram, ainda, os lançamentos dos livros “Clarecência”, de Sérgio Luiz Maduro, e “Piquete de meus amores”, de Palmyro Masiero.

Parece que foi ontem... Mas já passaram vinte anos...

O porquê de Cidade Paisagem...

Em 1962, a Inspetoria Regional de Estatística Municipal do IBGE, por meio do Boletim Regional de Serviço nº 146, propôs que se publicasse um cadastro de cognomes dos municípios paulistas. Solicitou, para isso, o empenho das agências municipais.

Naquela ocasião, Piquete ainda não tinha um cognome. Foi então que o senhor Wilson Leite do Prado, chefe da Agência de Estatística de Piquete, promoveu um concurso patrocinado pelos jornais “O Labor”, editado pela FPV, e “A Cidade”, para que fosse selecionado e votado um cognome para nossa cidade. Foi convidado um grupo de nossa sociedade para compor a comissão apuradora dos votos. A votação

foi feita por meio dos programas distribuídos semanalmente pelo Cine Estrela, que passaram a trazer uma parte destacável destinada a receber o voto, que deveria ser colocado numa urna à entrada do Cinema.

Foram sugeridos vários cognomes, entre eles: Cidade da Pólvora, Cidade Fraternidade, Cidade Sorriso, Cidade Paisagem, Cidade dos Amigos, Terra das Vertiginosas Paisagens... Em dia marcado, a urna foi aberta com a presença de autoridades municipais. Foram registrados 139 votos. A ata foi assinada por Luiz Gonzaga de Siqueira, Joel de Freitas Dantas, Wilson Leite do Prado, Abdon Torres, José Pacheco, João Evangelista do Prado, Nelo Pelegrine e José de Souza Leite.

O espírito humorístico do povo, virtude inata do brasileiro, não deixou de se manifestar. Alguns cognomes curiosíssimos foram sugeridos: Cidade Buraco, Buraco do Vale, Cidade da Pinga, Cidade das 1001 Cachaças, Cidade dos Morros e Cidades dos Mineiros...

Sagrou-se vencedor “Cidade Paisagem”, cognome já empregado desde 1º de Maio de 1960 pelo professor Palmyro (Yeyé) Masiero no jornal “A Cidade” e que faz jus às belezas naturais e à localização privilegiada de Piquete nos contrafortes da Mantiqueira. O resultado agradou a todos, sendo publicado e divulgado pela imprensa e enviado oficialmente ao órgão interessado do IBGE.